



ORIGINAL / ORIGINAL / ORIGINAL

Knowledge and practice of young schools on sexual and reproductive health

Conhecimento e prática de jovens escolares sobre saúde sexual e reprodutiva
Conocimiento y práctica de jovenescolares sobre salud sexual y reproductiva

Francisca Isabelly dos Santos Dias¹, Maria Adelane Monteiro da Silva², Amanda Lourenço Tomaz³, Ana Naiara Alves de Sousa⁴

ABSTRACT

Objective: to evaluate the knowledge and practice of young schoolchildren from a teaching institution in northern Ceará regarding sexual relations, transmission of Sexually Transmitted Infections and their prevention. **Methodology:** this is a quantitative study, conducted between August and September 2017. The sample included 116 students from two state vocational schools. The data collection was done in an adapted questionnaire that investigated the knowledge and practice of the students about sexual intercourse, Sexually Transmitted Infections and contraceptive methods. **Results:** most do not practice sexual intercourse. Practically, everyone knows some contraceptive method, but few know because it is considered double protection. It revealed that the percentage of students using these methods is lower than expected, but they know that condoms are the best way to prevent Sexually Transmitted Infections transmission. **Conclusion:** however, a person with a teaching base builds critical judgment, makes good choices, and shares the right information. Effective communication among education professionals, health professionals and the family is crucial for the transmission of learning.

Descriptors: Sex Education. Students. Contraception.

RESUMO

Objetivo: avaliar o conhecimento e prática de jovens escolares de uma instituição de ensino no norte cearense a respeito das relações sexuais, transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis e sua prevenção. **Metodologia:** estudo quantitativo, realizado entre agosto e setembro de 2017. Na amostra foram incluídos 116 alunos de duas escolas estaduais de ensino profissionalizante. A coleta de dados se deu em um questionário adaptado que investigou o conhecimento e prática dos escolares sobre relação sexual, Infecções Sexualmente Transmissíveis e métodos contraceptivos. **Resultados:** a maioria não praticar relação sexuais. Praticamente todos conhecem algum método contraceptivo, mas poucos sabem porque é considerado dupla proteção. Revelou que a porcentagem de estudantes que utiliza esses métodos é menor que o esperado, porém sabem que o preservativo é a melhor forma de prevenção contra a transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Conclusão:** contudo, uma pessoa com base de ensino, constrói senso crítico, faz boas escolhas e compartilha as informações corretas. A comunicação efetiva entre os profissionais participantes da educação, profissionais de saúde e a família é crucial para a transmissão do aprendizado.

Descritores: Educação Sexual. Estudantes. Anticoncepção.

RESUMÉN

Objetivo: evaluar el conocimiento y práctica de jóvenes escolares de una institución de enseñanza en el norte cearense acerca de las relaciones sexuales, transmisión de Infecciones Sexualmente Transmisibles y su prevención. **Metodología:** estudio descriptivo de abordaje cuantitativo, realizado entre agosto y septiembre de 2017. En la muestra se incluyeron 116 alumnos de dos escuelas estatales de enseñanza profesional. La recolección de datos se dio en un cuestionario adaptado que investigó el conocimiento y práctica de los escolares sobre relación sexual, Infecciones de Transmisión Sexual y métodos anticonceptivos. **Resultados:** la mayoría no practican la relación sexual. Prácticamente todos conocen algún método anticonceptivo, pero pocos saben por qué se considera doble protección. Se reveló que el porcentaje de estudiantes que utilizan estos métodos es menor de lo esperado, pero saben que el preservativo es la mejor forma de prevenir la transmisión de Infecciones de Transmisión Sexual. **Conclusión:** sin embargo, una persona con base de enseñanza, construye sentido crítico, hace buenas elecciones y comparte la información correcta. La comunicación efectiva entre los profesionales participantes en la educación, los profesionales de la salud y la familia es crucial para la transmisión del aprendizaje.

Descritores: Educación Sexual. Estudiantes. Anticoncepción.

¹Enfermeira. Especialista com Caráter de Residência em Saúde da Família pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: isaellydias@hotmail.com

²Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: adelanemonteiro@hotmail.com

³Enfermeira. Graduada em enfermagem pela Universidade Estadual Vale Do Acaraú. Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: amandalourenco22@gmail.com

⁴Enfermeira. Especialista em Gestão de Saúde e Auditoria pelo Instituto Executivo de Formação. Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: naiarasousa_15@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A juventude, fase em que ainda percebe-se traços de uma infância e demonstra a ansiedade e curiosidade pela fase adulta é vista como um período de mudanças e descobertas. Um bom acompanhamento para esse público torna-se crucial visto tantas mudanças em que estão susceptíveis e a vulnerabilidade para fatores de risco principalmente quando refere-se a saúde sexual e reprodutiva. Com isso vê-se a necessidade de informar esses jovens acerca dos cuidados a serem tomados e a responsabilidade que possuem a partir de suas escolhas.

Para Eisenstein⁽¹⁾, a sexualidade pode ser definida como um processo evolutivo que acontece durante a vida, processo pelo qual nascemos e nos reproduzimos e está a cada momento associada com a intimidade corporal e ao desenvolvimento biológico, psicológico e social de cada pessoa que contribui de maneira essencial e complexa para a formação da personalidade e realização pessoal. Molina et al⁽²⁾ afirmam que a sexualidade encontra-se intrínseca na adolescência, e é algo que vai além do biológico, sendo considerada, assim, um fenômeno psicológico e social, tendo em vista que é influenciada por fatores socioculturais, como as crenças e os valores.

A atenção em saúde sexual e saúde reprodutiva é uma das áreas de atuação prioritárias da Atenção Básica à saúde. Deve ser ofertada observando-se como princípio o respeito dos direitos sexuais e aos direitos reprodutivos⁽³⁾. O art. 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente relata que a criança e o adolescente possuem todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata essa Lei, são assegurados por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade⁽⁴⁾.

As transformações na vida sociocultural nas últimas décadas tem como uma de suas consequências o início da vida sexual de adolescentes cada vez mais cedo, caracterizando uma mudança do padrão de comportamento social e sexual influenciado pelas desigualdades de gênero, condições socioeconômicas e culturais, pela raça/cor e etnia, pelas relações de poder intrageracionais e pelas discriminações pela orientação sexual⁽⁵⁾.

Adolescentes e jovens são pessoas livres e autônomas, que tem direito a receber educação sexual e reprodutiva e a ter acesso às ações e serviços de saúde que os auxiliem a lidar com a sexualidade de forma positiva e responsável e os incentive a adotar comportamentos de prevenção e de cuidado pessoal⁽³⁾. Ao desenvolver educação em saúde sexual com os adolescentes, os profissionais devem direcionar ações com o intuito de atender suas necessidades e fortalecer autonomia para a promoção da sua saúde⁽⁶⁾.

Mesmo com implantações de ações do governo que facilitem o acesso aos métodos contraceptivos, se faz necessário a inserção da educação sexual nas escolas com a finalidade de se obter uma orientação

adequada para o uso dos métodos. Sendo efetuadas essas ações no ambiente escolar pode-se alcançar resultados satisfatórios quanto a saúde sexual dos jovens escolares. Para Galvão, Mâcedo e Araújo⁽⁷⁾, a sexualidade na adolescência deve ser discutida em diversos ambientes como na família, na escola e nas instituições de saúde, levando em conta as particularidades do referido público.

Partindo do pressuposto que o ambiente escolar tem uma importante participação na promoção da educação sexual, pode ser motivo de reflexão pensar que alunos que além do acompanhamento escolar recebam orientação por parte de um curso específico, como na área da saúde, tenham uma maior carga de aprendizado em comparação a jovens que tenham escolhido um curso com currículo de outras especificidades. No Ceará, o governo do estado criou escolas de educação profissionalizante em que dispõem além do ensino tradicional, o ensino de vários cursos técnicos, destacando-se o curso técnico de enfermagem entre os cursos ofertados. Assim o objetivo do estudo seria avaliar de modo comparativo o conhecimento e a prática de jovens escolares de uma instituição de ensino estadual no Norte do Ceará.

Portanto, esta pesquisa objetivou avaliar o conhecimento e prática de jovens escolares de uma instituição de ensino no norte cearense a respeito das relações sexuais, transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis e sua prevenção.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo que foi realizado nos meses de agosto e setembro de 2017. Foi pensado a partir de um recorte do projeto de pesquisa intitulado Saúde sexual e reprodutiva dos escolares: intervenção fundamentada em conhecimentos, atitudes e práticas. Na amostra do estudo foram inclusos 116 alunos de duas escolas estaduais de ensino profissionalizante na Zona Norte do interior do Ceará, em Sobral. Entre os participantes da pesquisa temos 26 alunos de uma turma do primeiro ano do curso técnico em enfermagem (Grupo A) e 90 alunos distribuídos entre os cursos de técnico em finanças, administração, redes de computadores e informática (Grupo B) também cursando o primeiro ano do ensino médio.

A escolha das escolas foi feita por conveniência e intencionalmente, onde as instituições já teriam sido local para outras intervenções e estudos. Assim, foram inclusos na pesquisa os estudantes entre 15 e 16 anos, regulamente matriculados no primeiro ano do ensino médio e que aceitaram participar da pesquisa após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para instrumento de coleta de dados, foi adotado um questionário adaptado baseado na Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas na população brasileira⁽⁸⁾, no qual investigou-se as questões quanto o conhecimento e prática dos escolares sobre relação sexual, IST e métodos contraceptivos. A aplicação do questionário ocorreu nas salas de aulas, em que foi explicado aos alunos o intuito da pesquisa, identificando sobre a participação voluntária na

pesquisa e a obrigatoriedade da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido pelos pais ou responsáveis para participar do estudo. Para análise dos dados utilizou-se o Microsoft Excel versão 2010. O estudo respeitou os princípios da resolução 466/12⁽⁹⁾, sendo submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, recebendo o parecer favorável com CAAE:66769717.9.0000.5053.

RESULTADOS

A partir da coleta realizada revelou-se dados que foram dispostos nas tabelas apresentadas, praticamente todos os participantes relataram conhecer algum método contraceptivo. Apenas 1% do Grupo B confirmou desconhecer. Todos os outros conhecem algum método. Em relação ao preservativo o desempenho dos alunos foi favorável visto as respostas, em que 81% dos escolares do Grupo A e 85% do Grupo B reconheceram que o uso correto da camisinha a torna um método confiável. Apenas 8% dos escolares do curso técnico em enfermagem afirmaram não ser eficaz o uso da camisinha para proteção de uma gravidez e 11% não souberam a resposta.

Em relação a dupla proteção do preservativo o maior número de respostas esteve entre o item que afirma a prevenção contra gravidez e IST nos dois grupos, em que A equivaleu a 35% e B 60%. Um dos itens que mais foi selecionado se referia a camisinha como dupla proteção pelo fato de proteger homem e mulher ao mesmo tempo. Nesse, 31% dos alunos do Grupo A e 25% dos alunos do Grupo B afirmaram ser a resposta correta. Dentre os alunos que não souberam a resposta, 15% eram do curso técnico em enfermagem e apenas 6% dos demais cursos.

Ao serem questionados sobre seus conhecimentos acerca de IST/Aids, 85% dos escolares do Grupo A e 82% do grupo Grupo B indicaram que uma pessoa que esteja com uma dessas infecções pode ter uma aparência saudável. Também concordam, em maior quantidade, que o preservativo é a melhor maneira para prevenir a transmissão dessas afecções em que 96% no primeiro grupo e 92% no segundo. Em outra indagação feita, a maioria dos escolares concordou que o risco de transmissão de IST era diminuído caso o parceiro seja fiel e não infectado, totalizando 85% das respostas do Grupo A e 61% do Grupo B.

Em relação à infecção do vírus da Aids pelo compartilhamento de talheres indicaram que discordam 84% dos estudantes do curso de técnico em enfermagem, em que 8% concordaram e os outros 8% não souberam a resposta. Nos demais cursos obteve também a maioria em discordância com o total de 63%, porém 18% concordaram e 19% não sabem. Tratando-se do conhecimento sobre o risco diminuído de contaminação da criança durante o parto ao ser realizado o tratamento específico, 73% dos alunos do curso técnico em enfermagem concordaram com a afirmação e apenas 38% dos demais cursos. No Grupo A 15% discordaram, 8% não sabem e 4% foram respostas ignoradas. No Grupo B 33% discordaram e 28% não souberam a resposta. Apenas 1% não responderam.

Tratando-se da prática, apenas 15% dos escolares do curso técnico em enfermagem já praticaram relações sexuais, enquanto que 45% do segundo grupo de alunos, os quais estão matriculados em outros cursos técnicos, responderam afirmando realizarem a mesma prática. A grande maioria, tanto do Grupo A quanto do Grupo B informou que ainda não praticam relação sexuais, totalizando 77% no primeiro e 53% no segundo. Os demais alunos não explanaram a resposta do que lhes foi perguntado, dentre esses estão 8% do Grupo A e 2% do Grupo B.

Os participantes foram questionados quanto ao uso de métodos contraceptivos. O Grupo A obteve a minoria de respostas afirmativas (8%). Em contraposição, a maioria de participantes desse conjunto (69%), não responderam tal questionamento, concluindo assim que apenas 23% dos alunos disseram que nunca usaram métodos para evitar uma gravidez. O Grupo B somou um maior número de respostas afirmativas com 33% dos escolares e 27% de respostas negativas. Nesse item o maior número de alunos (40%) não respondeu a pergunta.

Um terceiro questionamento quanto à prática dizia respeito aos escolares se eles já tiveram a oportunidade de aconselhar alguém a usar algum método contraceptivo. Nos dois conjuntos coletados obteve-se a maior porcentagem na resposta afirmativa, em que 62% totalizam o Grupo A e 71% o grupo B.

DISCUSSÃO

Foi possível observar, dentre os escolares, tanto aqueles do curso técnico em enfermagem quanto dos outros cursos revelaram em grande maioria que não praticam relações sexuais. Godoi e Brêtas⁽¹⁰⁾ afirmam que em estudantes da faixa etária estudada é despertada novas formas de manifestação da sexualidade e orientação do desejo sexual. Essa reflexão nos traz que o início das práticas sexuais pode vir a acontecer naturalmente. Foi visto que grande porcentagem dos alunos não possui vida sexual ativa.

Espera-se com isso que a quantidade encontrada de jovens sexualmente ativos seja equivalente ao número de alunos que utilizam métodos contraceptivos. Contrapondo essa expectativa, o estudo revelou que a porcentagem de estudantes que utiliza métodos de prevenção contra a gravidez é menor que o esperado. Essa análise nos leva a refletir na vulnerabilidade em que alguns desses participantes estão se expondo e o que poderia ser articulado para a melhora desse resultado

O conhecimento acerca dos métodos contraceptivos e sobre o risco decorrente de relações sexuais desprotegidas é crucial para o futuro saudável desse jovem, assegurando a prevenção de IST e de gravidez indesejada. O profissional de saúde possui a responsabilidade em transmitir informações necessárias e acompanhamento adequado para os jovens, respeitando sua autonomia, desenvolvendo uma assistência de qualidade⁽¹¹⁾.

Visto que a grande parte dentre o total de jovens participantes nunca usou algum método contraceptivo, surge a indagação a respeito da ação dos jovens em aconselhar alguém sobre o uso. Diferentemente a frequência do questionamento anterior, mais da metade afirma ter aconselhado o uso de algum método contraceptivo. Com 62 % dos alunos do curso técnico em enfermagem e 71 % do outro grupo de alunos pode-se observar que a maioria

possui certo conhecimento, pelo menos quanto à existência dos métodos. Em contrapartida, é revelado que o número de alunos que não estão em cursos da área da saúde, mas transmitem informações sobre contracepção é ainda maior do que aqueles que recebem em seu ensino essas orientações e que logo estarão no campo de trabalho compartilhando o aprendizado.

Tabela 1: Conhecimento sobre IST e sua prevenção de jovens escolares de uma instituição de ensino pública da Zona Norte do Ceará, Brasil, 2017.

Variáveis	Grupo A (%) n	Grupo B (%) n
Conhece algum método contraceptivo		
Sim	100% (26)	99% (89)
Não	-	1% (1)
Em relação ao preservativo		
Não é eficaz para proteger gravidez	8% (2)	4% (4)
Não é método para evitar gravidez	-	1% (1)
Se for usado corretamente é confiável	81% (21)	85% (76)
Camisinha feminina impede a ovulação	-	3% (3)
Não sabe	11% (3)	6% (5)
Ignorado	-	1% (1)
O preservativo é considerado dupla proteção		
O uso de duas camisinhas ao mesmo tempo aumenta a proteção	8% (2)	3% (3)
Protege homem e mulher ao mesmo tempo	31% (8)	25% (23)
Existe a camisinha masculina e a feminina	8% (2)	6% (5)
Protege contra IST e gravidez	35% (9)	60% (54)
Não sabe	15% (4)	6% (5)
Ignorado	3% (1)	-
A pessoa com aparência saudável pode estar com IST/AIDS		
Concorda	85% (22)	82% (74)
Discorda	11% (3)	9% (8)
Não sabe	4% (1)	9% (8)
Usar preservativo é a melhor forma de prevenir IST/AIDS		
Concorda	96% (25)	92% (83)
Discorda	4% (1)	7% (6)
Não sabe	-	1% (1)
Risco reduzido com parceiro fiel e não infectado		
Concorda	85% (22)	61% (55)
Discorda	15% (4)	34% (31)
Não sabe	-	5% (4)
Ignorado	-	-
A pessoa pode ser infectada com o vírus da AIDS ao compartilhar talheres		
Concorda	8% (2)	18% (16)
Discorda	84% (22)	63% (57)
Não sabe	8% (2)	19% (17)
A gestante com o vírus HIV ao realizar tratamento específico reduz o risco de contaminação da criança durante o parto		
Concorda	73% (19)	38% (34)
Discorda	15% (4)	33% (30)
Não sabe	8% (2)	28% (25)
Ignorado	4% (1)	1% (1)

Fonte: Dados obtidos pela autora

Tabela 2 - Práticas de relação sexual e prevenção de IST de estudantes de uma instituição de ensino pública da Zona Norte do Ceará, Brasil, 2017.

Variáveis	Grupo A % (n)	Grupo B % (n)
Já praticou relação sexual		
Sim	15% (4)	45% (40)
Não	77% (920)	53% (48)
Ignorado	8% (2)	2% (2)
Já usou algum método contraceptivo		
Sim	8% (2)	33% (30)
Não	23% (6)	27% (24)
Ignorado	69% (18)	40% (36)
Já aconselhou alguém a usar algum método contraceptivo		
Sim	62% (16)	71% (64)
Não	38% (10)	24% (22)
Ignorado	-	5% (4)

Fonte: Dados obtidos pela autora.

No que concerne à compreensão dos integrantes da pesquisa sobre as IST e sua prevenção obteve-se quase que 100% das respostas positivas no que diz respeito ao conhecimento de algum método para contracepção. Esse resultado era esperado, pois a idade dos participantes sugere que tenham visto a temática no currículo escolar. Espera-se que pelo menos os alunos da área da saúde tenham domínio do assunto, pois os mesmos terão em sua vivência profissional que orientar a população, distribuir os meios contraceptivos e contribuir para a diminuição da transmissão de IST. Corrêa *et al.*,⁽¹²⁾ afirmam que alguns fatores que poderiam contribuir para formação de planos de políticas públicas para o acesso de qualidade e a utilização dos métodos pela população são estes: o conhecimento dos contraceptivos utilizados e do público que utiliza.

A partir dos dados encontrados nesse estudo pode-se ter algumas variáveis as quais estudantes de áreas como técnico em finanças e administração obtiveram melhores resultados comparados aos alunos do técnico em enfermagem. No momento em que é avaliado o conhecimento sobre o preservativo, não houve tanta diferença no número de respostas corretas entre os dois grupos, em que mais de 80% souberam responder que caso o preservativo seja usado corretamente é eficaz. Porém, ao perguntar sobre o porque da camisinha ser considerada dupla proteção houve uma variedade nas respostas. Menos da metade dos alunos do grupo A tiveram respostas satisfatórias. Apenas 35% afirmaram que o preservativo tinha o papel de dupla proteção por proteger contra IST e gravidez. Uma porcentagem muito menor que a do grupo B que obteve 60% da resposta esperada. Na mesma questão, no item que revela não saber da resposta, os estudantes de técnico em enfermagem apresentaram maior porcentagem que do outro grupo.

Uma das vantagens do preservativo é essa dupla proteção. Ele torna-se o único método que é comprovadamente eficaz contra a gravidez e IST caso seja utilizado de maneira correta. Além disso tem um papel importante de divisão de responsabilidade entre o casal em relação a contracepção, o ciclo menstrual não passará por interferência e a

acessibilidade, já que podem ser encontrados gratuitamente nas unidades básicas de saúde⁽¹⁰⁾.

Os participantes demonstraram ter sapiência quanto ao preservativo ser a melhor forma de prevenção contra a transmissão de IST/AIDS. Foram mais de 90% em concordância com essa afirmação. Isso nos faz pensar que os jovens dispõem da informação, conhecem o método, sabem que possuem acesso para utilizar, mas em contrapartida os resultados das outras indagações revelam o contrário. Eles possuem consciência que o uso é a melhor maneira de prevenção, aconselham pessoas a utilizarem, mas nem todos utilizam preservativos nas relações sexuais e ainda alguns desconhecem o motivo de a camisinha ser considerada dupla proteção, isso sendo visto nos dois grupos. Santos *et al.*,⁽¹³⁾ descrevem que a dificuldade na comunicação sobre sexualidade se dá pelo contexto social e histórico, enfraquecendo a efetivação do conhecimento e a prática da sexualidade responsável. Essa fragilidade na comunicação induz à procura tardia pelos serviços de saúde.

Uma das informações que esses jovens podem adquirir é a confiabilidade em praticar relações sexuais com um parceiro fixo sem utilizar o preservativo pela garantia de sua fidelidade. Foi o caso dos jovens do estudo em questão, em que a maioria explana ser confiável não utilizar o método caso o parceiro seja fiel e não infectado. Dentre esses jovens, o grupo de escolares que futuramente serão profissionais da saúde alcançou mais que 80% de respostas concordando com a afirmação equivocada, enquanto que o outro grupo apresentou 61%. Em relação à vulnerabilidade individual, a prática de usar preservativos em alguns relacionamentos estáveis é suprimida pelo argumentos conservadores, iniciam-se as negociações entre os parceiros e a decisão ganha força⁽¹⁰⁾.

Com isso, pode-se pensar em algumas justificativas para a negação do uso do preservativo entre os jovens, onde estaria incluso a confiança de que não são vulneráveis, sabem da existência do risco, porém não acreditam na possibilidade de acontecer. Outra justificativa seria o receio de ser

excluído do seu grupo social por seguir o que é preconizado⁽¹³⁾.

A falta de informação ou a informação precária pode ser uma justificativa de jovens entre 15 e 16 anos ainda desconhecerem as formas de transmissão de IST. Quase 20% dos alunos do Grupo e 8% do Grupo A concordam que a pessoa pode ser infectada ao compartilhar talheres. A educação sexual deveria não apenas ser responsabilidade das escolas mas dividido entre os familiares. A educação sexual não vem se dando de forma satisfatória, visto que nas unidades de saúde e escola, ela é considerada como um assunto difícil a ser debatido por envolver divergência de pensamentos entre os envolvidos⁽¹⁴⁾. A responsabilidade da educação dos jovens não deve ser transferida e sim compartilhada, onde todos aqueles que participam da sua vida e estão no seu meio de convívio sintam-se e estejam capacitados para orientá-los.

CONCLUSÃO

Com o estudo, possibilitou-se ter uma visão sobre o conhecimento e prática de alunos do ensino médio do curso de técnico em enfermagem e alunos de outras áreas de conhecimento a respeito de relação sexual, transmissão de IST e prevenção.

Em relação a prática desses jovens, nem todos eles já tiveram relações sexuais, porém a diferença que foi vista entre aqueles que já praticam e os que afirmam usar métodos é preocupante. Pois espera-se que todos aqueles que já iniciaram a vida sexual, tanto tenham conhecimento sobre os métodos como os utilize. O certo seria que cada jovem iniciasse a prática depois que obtivesse o máximo de conhecimento, diminuindo sua vulnerabilidade acerca da transmissão de IST e de uma gravidez não planejada. A comunicação efetiva entre os profissionais participantes da educação, profissionais de saúde e a família é crucial para a transmissão desse aprendizado. A dedicação desses colaboradores pode influenciar na maneira de agir do jovem. Buscar a confiança do estudante a partir do repasse de informações corretas, sem julgar seus hábitos e decisões, orientando por onde devem seguir é o primeiro passo para melhora de resultados.

Contatou-se que um currículo escolar que possua conteúdos específicos e que as informações sobre a temática em questão são transmitidas com aprofundamento, os alunos do curso de técnico em enfermagem não demonstraram total domínio sobre o assunto. Isso nos traz mais uma vez a reflexão de que a informação é a chave para as boas condutas. Uma pessoa tem uma boa base de ensino, ela forma uma estrutura de senso crítico, decide bem suas escolhas e compartilha as informações aprendidas de maneira correta. Nesse caso, caso esses alunos serão futuros profissionais, terão uma responsabilidade para com a população, devem estar capacitados e preparados para propagar ideias precisas, baseadas em seus estudos e formação.

Não obstante, alunos dos demais cursos, que não são vinculados a área da saúde também necessitam ter competência no assunto em estudo. Esse segundo grupo, além dos riscos que podem ter sem essas

informações, colocam em risco outros jovens se compartilharem ideias errôneas por não possuírem fontes seguras onde busquem essas informações, podem ser a principal saída das referências inexatas.

Os jovens precisam ser mais bem assistidos, investigados em relação as suas principais dúvidas, conhecimentos deficientes, receios e anseios. Essa busca fará com que os profissionais e responsáveis tomem base para iniciar uma intervenção que melhore o acesso das informações, o planejamento para a transmissão desse aprendizado e que gere assim interesse dos participantes de sempre buscar por informações em fontes corretas e adquirir um círculo de confiança entre os jovens e seus apoiadores, seja família ou profissionais da saúde e educação.

REFERÊNCIAS

1. Eisenstein E. Desenvolvimento da Sexualidade na Adolescência. Rev. Adolescência e Saúde [internet]. 2016; 13 (Supl. 2):7-8. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v13s2a01.pdf>
2. Molina MCC, Stoppiglia PGS, Martins CBG, Alencastro LCS. Conhecimento de adolescentes do ensino médio quanto aos métodos contraceptivos. O Mundo da Saúde [Internet]. 2015; 39(1) [acesso em 30 ago 2018]. Disponível em: <https://doi.org/10.15343/0104-7809.201539012231>
3. Brasil. Ministério da Saúde (MS). Cadernos de Atenção Básica a Saúde: Saúde Sexual e Reprodutiva. Brasília: Ministério da Saúde; 2013. 300p. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf
4. Brasil. Estatuto da criança e do adolescente e legislação correlata. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. - 13. ed. - Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/18403/estatuto_crianca_adolescente_13ed.pdf?sequence=27
5. Brasil. Ministério da Saúde (MS). Cadernos de Atenção Básica: Diretrizes do Nasf. Brasília: Ministério da Saúde; 2010.152p. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_do_nasf_nucleo.pdf
6. Guerreiro EM, Rodrigues DP, Queiroz ABA, Ferreira MA. Health education in pregnancy and postpartum: meanings attributed by puerperal women. Rev. bras. enferm. [Internet]. 2014; 67(1):13-21 [acess 2018 Sep 02]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672014000100013&lng=en.
7. Galvão MPSP, Macêdo ES, Araújo TME. Promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: relato de experiência. Rev. Enferm. UFPI [internet]. 2019 [acesso em: 29 set 2019];8(1):24- 8. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/8766/pdf>.

8. Brasil. Ministério da Saúde (MS). Pesquisa de conhecimentos, atitudes e práticas na população brasileira 2008. Brasília: Ministério da Saúde; 2011. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_conhecimentos_atitudes_praticas_populacao_brasileira.pdf

9. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html

10. Godoi AML, Brêtas JRS. A prática do sexo seguro no cotidiano de adolescentes. Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped [internet]. 2015; 15 (2); 114-23. Disponível em: https://sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol15-n2/vol_15_n_2-artigo-de-pesquisa-5.pdf

11. Araújo AKL, Araújo ACAF, Araújo TME, Nery IS, Rocha SS. Contraceção na adolescência: conhecimento, métodos escolhidos e critérios adotados. J. res.: fundam. care. online [internet]. 2015; 7(3):2815-25. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2015.v7i3.2815-2825>

12. Corrêa DAS, Mendes MSF, Mendes MS, Malta DC, Melendez GV. Fatores associados ao uso contraindicado de contraceptivos orais no Brasil. Rev Saúde Pública [internet]. 2017; 51(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1518-8787.2017051006113>

13. Santos CP, Barboza ECS, Freitas NO, Almeida JC, Dias AC, Araújo EC. Adesão ao uso do preservativo masculino por adolescentes escolares. Rev. Bras. Pesq. Saúde [internet]. 2016; 18(2): 60-70. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720180013.supl.1>

14. Maia TQ, Soares LO, Valle PAS, Medeiros VMG. Educação para sexualidade de adolescentes: experiência de graduandas. Nexus Revista de Extensão do IFAM [internet]. 2016; 2(2). Disponível em: http://200.129.168.183/ojs_proex/index.php/Nexus/article/view/101/67

Corresponding Address

Francisca Isaelly dos Santos Dias

Endereço: Avenida Dr. Guarany, 307, Derby Clube, Sobral, Ceará, Brasil. CEP: 62042-030.

Telefone: (88) 999067968.

E-mail: isaellydias@hotmail.com

Universidade Estadual Vale Do Acaraú, Sobral.

Como citar este artigo:

Dias FIS, Silva MAM, Tomaz AL, Sousa ANA. Conhecimento e prática de jovens escolares sobre saúde sexual e reprodutiva. Rev. Enferm. UFPI [internet]. 2019 [acesso em: dia mês abreviado ano];8(4):69-75. Disponível em: Insira o DOI.



Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2019/10/01

Accepted: 2019/11/23

Publishing: 2019/12/01